ANO 4.º — N.º 157. Guimarãis, 3 de Fevereiro de 1935. O JORNAL DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO NO CONCELHO. Número avulso 50 ctvs.

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERÊSSES DO CONCELHO ■ Agência em Lisboa ... 5.º-D. — Telefone 27136.

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Fra ... posição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranense

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO ■ Administrador — PEDRO NUNES DE FREITAS

VIMARANENSES: NÃO GUARDEMOS PARA ÁMANHÃ...

Alvorece um novo ano e, com êle, a obrigação imperiosa de liquidar a dívida de gratidão, em aberto há dezasseis anos, para com os bravos filhos de Guimarãis, nossos irmãos, que deram a vida pela Pátria. Temos a promessa do auxílio da Comissão Administrativa do Município, como a esperança justificada do concurso de todos os vimaranenses, o que é já alguma coisa, mas não é tudo. E' necessário que a alma vimaranense mantenha o fôgo sagrado que o despertou, até que o monumento se êrga numa das suas ruas ou praças, atestando, solene e magestosamente, o nosso alto gráu de civismo e o respeito eterno por aqueles que, no cumprimento sacrossanto do dever, deram o seu sangue e, até, a sua vida, em holocausto da Pátria. E' indispensável que o coração vimaranense pulse, insistentemente, até ao momento histórico em que o país inteiro, de norte a sul, de léste a oéste, veja de pé, altaneiro e magestoso, o símbolo da gratidão de Guimarãis para com os seus filhos que morreram na Guerra ou no cativeiro. Urge que Guimarãis pague essa dívida, mil vezes sagrada, com os juros acumulados durante dezasseis anos, que tantos foram os da apatia e de indiferença em que caímos e para onde fômos arrastados — todos — dirigentes e dirigidos, pela falta compreensão — ou má compreensão — dos nossos deveres de homens livres, filhos de uma Pátria livre e, o que é mais, filhos de uma terra onde a Independência básica da nossa nacionalidade, raiou, cheio de esplendor e rutilante fulgor, pelo braço hercúleo do maior dos seus filhos — Afonso Henriques —.

Que grande terra podia ser a minha Guimarãis, se os seus filhos tivessem, sempre, presentes, as virtudes cívicas dos seus antepassados e os fóros, como os pergaminhos que fruímos em tempos idos! D. Afonso Henriques dá, a Guimarãis, fóros de primeira capital do seu pequeno reino. D. João I, outro grande rei, depois de derrotar, estrondosamente, o castelhano, em Aljubarrota, vai, a pé, a Guimarãis, e fá-la depositária fiel do «pelote» com que rechaçára o rei inimigo. São duas honras de tal valor cívico que nenhuma outra terra as tem, nem terá. Isto basta e é, até, de sobra, para que, Guimarãis, não olvide por mais tempo, uma dívida que se vem arrastando há dezasseis anos! Guimarãis tem — se se quer salvar, embora tarde — e, mais vale tarde que nunca, de levantar o seu monumento aos *Nossos Mortos*, no ano que começou a despertar. Todos os esforços se devem conjugar e conduzir devotadamente, para que o lançamento da primeira pedra se faça *no dia 9 de Abril* e para que, a inauguração solene, tenha lugar *no dia 11 de Novembro*. Não há razões, nem motivos, por maiores que sejam, que absolvam os seus filhos, — tanto os dirigentes como os dirigidos — se o monumento aos *Nossos Mortos*, não ficar de pé, nesse dia, em que a alma vimaranense exultará de alegria, pela satisfação do dever cumprido, embora muito tardiamente. O tempo corre veloz; é necessário que o nosso esfôrço, para a construção do monumento, o acompanhe e não se deixe ficar para trás; seria um crime abominável; era caso para Guimarãis se cobrir de luto. E' por faltas desta natureza, como doutras, que a nossa Guimarãis, a desventurada Guimarãis, tem sofrido uma grande tempestade moral, cuja bonança só se divisará no dia da inauguração do monumento aos *Nossos Mortos*. Depois que a Guerra terminou já se inauguraram dois monumentos e estamos em vésperas de vêr levantado o terceiro, muito brevemente; pois seja, já que os fados assim o querem; não serei eu que me revolte por essa prova de gratidão que Guimarãis dispensa aos seus filhos *e, até a estranhos;* mas queixo-me, e bem amargamente, da ordem de preferências nessas homenagens que não obedeceram à ordem natural das proporções dos serviços e dos sacrifícios prestados à Pátria. E para que, embora grôsso-modo, se possa ajuízar o que teria sido essa vida martirizante da Guerra, permito-me recortar de «*A Batalha do Lys*» do sr. general Gomes da Costa, a vida das trincheiras no mês de Setembro de 1917: — em 3 — ataque aos postos de *Cadbury* e *Farm Corner*, repelidos; em 5 — as nossas patrulhas atacam e penetram na linha alemã em *Wick Salient* e *Sappers trench;* em 7 — grande actividade de patrulhas inimigas; combates com as nossas na *Terra do Ninguém;* em 9 — *raid* inimigo entre *Bird's cage* e *Ducks Bill*, repelidos; em 10 — *raid* inimigo, repelidos; em 11 — *raid* de infantaria 28 sôbre a 1.ª linha inimiga, com sucesso; em 13 — combates de patrulhas; em 14 — *raid* do inimigo sôbre *Neuve Chapelle* e *Crateras de Mauquissart*, repelidos por infantaria 7, que lhes mata um oficial, fere 2 praças e aprisiona 5; em 18 — *raid* duma patrulha do 34 que penetra na 1.ª linha inimiga, em frente a *Boars Head*, matando uma praça e ferindo seis; em 23 — *raid* inimigo sôbre *Ferme du Bois*, repelido; em 24 — *raid* inimigo sôbre *Ferme du Bois*, repelido por infantaria 3 e 8; 28 — *raid* de patrulhas nossas na 1.ª linha inimiga. Era êste o pão nosso, de cada dia, dos mártires da Guerra. Quantos mortos, quantos feridos, quantos prisioneiros, quantos desaparecidos nessa Guerra que parecia nunca mais acabar?! Isso é para depois e, então, se verá quanto há de deshumano e de injusto na ordem de preferências que se seguiu para os monumentos. E, até que o monumento dos *Nossos Mortos* se levante, cá me têm no *parapeito* do «Notícias» de *very-light* em punho, na disposição de não perder nem um palmo, sequer, do terreno conquistado nesta bemdita campanha que dura há mais de dois anos, pouco mais ou menos, o tempo que, para nós, durou a Guerra, em França. *Triste e desoladora coincidência!* Vamos, pois, ao monumento e façam esculpir numa das suas faces, ou na base, a canção da «Brigada do Minho» que os nossos irmãos cantaram, nas terras de França, da autoria de E. Sardinha, surprêsa para muitos vimaranenses e, especialmente, para aqueles que, sistemàticamente, tinham pendente dos lábios êsse advérbio de negação que — passe o paradoxo — era a afirmação mais positiva, categórica e terminante, da negação dos seus sentimentos cívicos. Esta canção que os soldados minhotos entoavam, sentida e comovidamente, quer nas horas de repouso, quer nas horas da refrega, foi recortada da «Brigada do Minho» na Flandres, da autoria do sr. coronel de infantaria, Eugénio Carlos Mardel Ferreira, meu muito prezado amigo, conhecido respeitosamente, como a «Mãi da Brigada» de que foi 2.º comandante e que comandou, interinamente, na ausência do sr. coronel de infantaria, Adolfo Almeida Barbosa. O exemplar a que me reporto, foi-me amável e gentilmente oferecido pelo sr. coronel Eugénio Mardel, ao saber da campanha que eu andava tratando. O seu coração diamantino e a sua alma de português, não esqueceu nem esquecerá, os filhos da «Brigada» que êle, honrosamente comandou até ao dia da sangrenta batalha do Lys — 9 de Abril — dia em que a gloriosa «Brigada do Minho», apesar-do esfôrço hercúleo e gigantesco, *com um espírito de corpo, como nenhuma outra*, foi aniquilada e perdeu, então e só então, a estructura acentuada e radicadamente minhota, que até ali, mantivera, sempre, com honra, brio e dignidade própria da raça da província que já se distinguira nas guerras liberais, como nas da sacrossanta Independência da Pátria! Ei-la:

IV Brigada, o Minho em nós confia
Seu nome honrado entregue em nossas mãos
E seu nome, que soou; de sempre, a valentia
Aos quatro Batalhões — unidos como irmãos
Tudo a mesma Família — há de servir de guia.

* * *

Deixemos, pois, os «*Negativos*» a trautear a «Canção da Brigada do Minho» e vamos, nós, prosseguindo com a prestação, incondicional, do nosso concurso à Câmara, para que ela intensifique os seus trabalhos para a construção do monumento aos *Nossos Mortos*. O tempo corre veloz; é necessário que o auxílio, de todos os vimaranenses, corra com a mesma velocidade para que ela se desempenhe, a tempo, da honrosa missão que tomou sôbre os seus ombros e que, nenhuma, das que a antecedeu, aceitou e, antes, tristemente, repudiou.

Vimaranenses: — não guardemos para amanhã o que podêmos — *e devêmos* — fazer hoje, que eu, qual gageiro da *Nau Catarineta*... ainda tenho muito que contar. No dia 11 de Novembro, dêste ano, entramos, no 17.º ano, depois da Guerra! Nesse dia, ou Guimarãis se redime, ou afunda.

Lisboa, Janeiro de 1935.

MANUEL DE GUIMARÃIS.

VISADO PELA CENSURA.

Conselho aproveitável

Quando certo Pai, gravemente doente, percebeu que a morte lhe bateria à porta dentro de poucos dias, chamou junto de si o único filho que tinha e disse-lhe o seguinte:

E' provável, meu filho, que brevemente fiques sem Pai, pois a doença que tenho é difícil de vencer. Por isso quero consolar-me com as poucas palavras que te vou dizer, certo de que tu as gravarás para sempre no teu bondoso coração.

Ouve:

Toma como exemplo a minha vida e lembra-te sempre da dedicação que tem por mim o povo desta Terra — Terra onde eu e tu nascemos. Não me tornei querido desta boa gente se não pela forma como defendi os seus interêsses, trabalhando para o progresso desta povoação com tôda a fôrça da minha alma e nunca me sujeitando a fazer vontades, quer pessoais quer políticas, àqueles que por outras terras propalavam injustiças contra os habitantes desta localidade, sobretudo por meio da Imprensa. Soube conservar-me alheio à prosperidade ou à decadência de qualquer jornal político e, quando me falavam em donativos para essa Imprensa, respondia com uma negativa formal, dizendo que, sob tal ponto de vista, apenas me interessava auxiliar, por todos os meios ao meu alcance, êsse modesto jornal que ajudei a fundar para defender os interêsses da nossa terra — «O Bairrista» — que eu te recomendo dum modo muito especial. Auxiliá-lo-ás, como eu, tanto quanto o permitam as tuas possibilidades e, pelo contrário, nunca prestarás o mais ligeiro auxílio a qualquer outro que, porventura, tenha tentado atribuir a êste bom povo responsabilidades que a outros pertençam.

Como sabes, meu filho, a própria consciência nos aconselha a colocarmos a nossa Terra acima de quaisquer influências — sejam de que natureza forem — porque seria um crime fazer-se o contrário. Quanto a outros deveres que tens a cumprir para te tornares um homem querido da sociedade, nada mais tens a fazer — como já te disse — do que seguires o exemplo da minha vida.

Trabalhei pela minha família e pelos meus amigos e nunca criei antipatias nem proporcionei situações embaraçosas a ninguém. Espero que tu assim procedas, porque também só assim podes ter direito à gratidão de tôdas as pessoas que saibam fazer justiça à dignidade e à honestidade dos teus nobres sentimentos.

Toque milagroso

Prestar serviços desinteressados aos Santos, traz vantagens. Que o diga um importante industrial desta cidade que do Milagroso S. Torcato recebeu o toque *de não contribuír para o subsídio dum assunto que nada pode interessar a Guimarãis.*

COISAS & LOISAS

CASAS DE CARIDADE

No último número do "Notícias„ abordei o assunto da Oficialização das Escolas de S. Francisco e falei da falta de recursos desta casa. Mas, infelizmente, nenhuma das Casas de Caridade vive desafogadamente. Ainda há dias me contaram — falando-se dêste assunto — que não há facilidade de conseguir internar uma criança no Asilo de St.ª Estefânia, em virtude de não haver nesta Casa os recursos suficientes para admitir um número de internadas superior ao que existe presentemente. Daqui se conclue que as dificuldades são grandes, e isto porque enquanto o orçamento da despesa vai aumentando sucessivamente, ao da receita não sucede o mesmo. Se há pessoas caridosas que sabem praticar a sublime virtude da Caridade, repartindo com os pobres um pouco do que não lhes faz falta, outras há — como já tive ocasião de dizer — que nada fazem, ou porque desconheçam as torturas da luta pela vida ou porque se gloriem com a miséria dos outros. E' preciso, pois, acudir à situação aflitiva das Casas de Caridade de Guimarãis, a-fim-de afastar a possibilidade de algumas serem obrigadas a encerrar as suas portas, o que não só seria um desprimor para esta terra, como também viria tornar mais penosa a vida das muitas criaturas que vão buscar um pouco de confôrto a essas casas, quer na doença, quer na velhice, quer, ainda, na orfandade. E dentro desta ordem de ideas, que dúvida terão algumas pessoas de promover uma subscrição a favor das Casas de Caridade desta terra, pelo menos das mais necessitadas? A experiência tem mostrado que a repugnância da subscrição não existe — seja qual for o fim a atingir — e, portanto, com muita mais razão ela se deve levar a efeito quando se trate duma causa humanitária, como seja a de prestar auxílio, protecção e carinho aos pobres, àqueles cuja vida não passa de um constante martírio, porque não os acalenta a esperança de melhores dias. Nascidos na miséria, na mesma miséria irão passando a sua vida, se os corações generosos e as Almas boas não se compadecerem de tão angustiosa situação. Mas é na invalidez, principalmente, que o número de privações se torna maior, e isto porque a beneficência entre nós deixa muito a desejar. Dizendo entre nós, quero referir-me a todo o País e de um modo especial à falta de beneficência particular, se bem que a oficial também não corresponda ao que deve ser, embora por motivos imperiosos. E' em face dêste problema de tão trágicas conseqüências, que eu sugiro a idea de uma subscrição, cujo produto reverta para as Casas de Caridade de Guimarãis.

Pedir para elas não deve custar a ninguém, como não custará contribuír para minorar o sofrimento dos infelizes. De mais a mais, os Vimaranenses têm o dever de tratar, em primeiro lugar, das necessidades da sua terra, reservando para os de fora — e só em último caso — a devoção de concorrer monetàriamente para determinados fins. Lá diz o adágio: "Primeiro a obrigação e depois a devoção„. E assim, eu direi: tudo pelas Casas de Caridade de Guimarãis, incluindo a Casa dos Pobres, instituïção altamente simpática, muito digna, como as outras, da protecção de todos quantos lha possam dispensar.

LINHAS DE ALTA TENSÃO

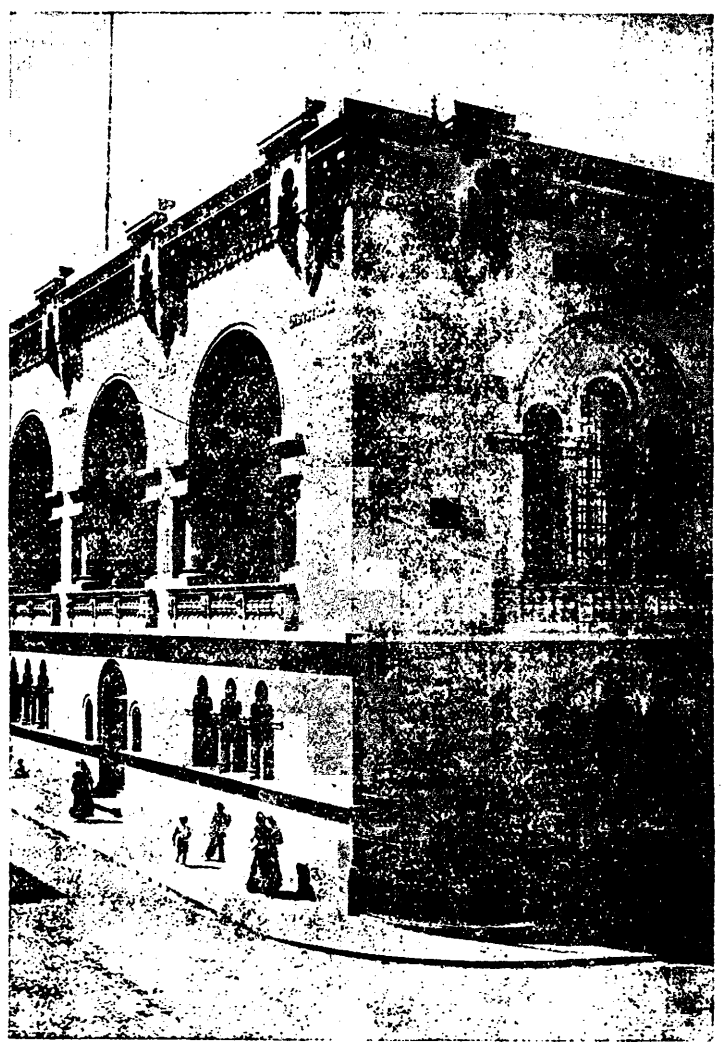
Nesta cidade, tem estado o Engenheiro sr. Júlio Quedrado de Araújo, a quem a Firma Bernardino Jordão, Filhos & C.ª Ltd.ª, encarregou do levantamento de diferentes projectos para a montagem de linhas de alta tensão.

Para já, está a tratar, com tôda a actividade, do levantamento de uma linha, partindo da Central Eléctrica ao largo da República do Brasil e daqui ao Cano, próximo da cadeia civil, para, assim, aquela Firma poder fornecer, com a máxima regularidade, energia eléctrica, para fôrça motriz, a diferentes fábricas de pentes e tecidos daquela localidade. Também me dizem que a mesma Firma vai tratar da montagem de outra linha, a qual partirá da Cabine que já possue no lugar de Covas, seguindo para Vizela, a-fim-de fornecer energia à fábrica que está em construção — a Têxtil de Vizela, Ltd.ª, da freguesia de Moreira de Cónegos.

Da linha que parte da Central Eléctrica ao largo da República do Brasil, será estabelecido um ramal a partir das proximidades da fábrica de Malhas para a rua de Couros, fornecendo, também, energia para uma cabine que ali vai ser montada, sendo, dêste modo, abastecidas as dife-

EDIFÍCIO-SÉDE DA SOCIEDADE MARTINS SARMENTO

Tiveram início no dia 28 do mês findo as obras de continuação do edifício da sede da Sociedade Martins Sarmento, na fachada voltada ao mercado municipal, interrompidas há 28 anos. De harmonia com o contrato firmado entre a benemérita Instituïção vimaranense e a Câmara Municipal estas obras ficam dispondo da dotação anual de dez mil escudos, a título de compensação pela cedência por empréstimo que a mesma Sociedade fez à Câmara, para sua instalação provisória, do prédio onde viveu Martins Sarmento. O projecto é do ilustre Arquitecto, Sócio Honorário da Sociedade Martins Sarmento e Director da Escola Portuense de Belas-Artes, Sr. Marques da Silva, que gratuïtamente tem sempre prestado os seus valiosos serviços à Instituïção. E' de esperar que também o Estado auxilie, pela verba do Desemprêgo, esta prestante Colectividade, de Utilidade Pública, para que os trabalhos possam prosseguir com rapidez. Bem o merece a Sociedade Martins Sarmento, honra de Guimarãis, pelo prestígio que desfruta entre as instituïções congéneres do País. Parabéns à Ex.ma Direcção, que não se tem poupado a canseiras, para a boa administração da Casa que lhe foi confiada.



Também chegou ao nosso conhecimento que a Sociedade Martins Sarmento aguarda apenas que o Ex.mo Director Geral dos Monumentos Nacionais marque o dia para o acto da inauguração da casa destinada ao guarda da notável estação arqueológica da Citânia de Briteiros. E' mais um importante melhoramento, que de há muito se vinha impondo, para a boa conservação e defeza daquelas ruínas, das mais curiosas de Portugal.

O Sr. Presidente da referida Colectividade o Director do Museu Arqueológico, Capitão Mário Cardoso, que da Citânia de Briteiros já, há anos, publicou um interessante *Guia*, trabalha actualmente na elaboração de um Catálogo, que se encontra no prelo e deve estar concluído dentro de dois mêses. E' uma obra ilustrada, de grande alcance para quantos se interessam por êste precioso Museu vimaranense, que no ano findo foi percorrido por 1.150 visitantes.

LUZ PÚBLICA

Os tribunais decidiram que são nulos os contratos que existiam entre a Câmara dêste concelho e os concessionários da luz pública na cidade, em virtude dos quais o prazo da concessão tinha sido prorrogado, e essa decisão passou em julgado. Não há, pois, que a discutir, há simplesmente que respeitá-la e tirar dela as melhores conseqüências que seja possível para os interêsses da cidade, únicos que nos é lícito e devemos ter em vista.

O assunto é de extraordinária importância, pois, estando sem efeito as prorrogações, o prazo da concessão findou; a Câmara, portanto, tem a liberdade de proceder como entender mais conveniente, em caso de tanta gravidade, para os seus munícipes.

E, sendo assim, temos estranhado o silêncio e apatia que à volta de questão de tal magnitude se tem estabelecido, como se nada importasse aos vimaranenses que lhes seja fornecida ou não corrente eléctrica para tôdos os serviços públicos, industriais e domésticos, permanentemente, e pelos preços e nas condições mais favoráveis, não só conformes com as circunstâncias económicas actuais, como adaptáveis às que, porventura, sobrevenham no futuro.

Afastados do bulício da cidade e no isolamento em que vivemos, é certo que até nós não pode chegar, directamente, o rumor da discussão que, nas sessões públicas da Câmara, nas reüniões associativas e nas tertúlias da povoação, possa ter havido. Mas, se tal se desse, o "Notícias de Guimarãis„, jornal que tem dado as melhores provas duma compreensão nítida dos deveres que impedem a uma boa imprensa, não deixaria de nos ter trazido os ecos dessa discussão. E, até hoje, nêle nada mais encontramos além duns desabafos, que podem ser justíssimos, mas que nos são absolutamente indiferentes quando nos colocamos no nosso lugar de vimaranenses, ciosos do progresso e boa administração da terra.

Imos esquecendo uma troca picaresca de notas oficiosas, que nenhum esclarecimento trouxeram e só poderão ter servido para lançar a confusão entre os consumidores. O pior e principal, porém, é que, depois dessas notas em que uns diziam que sim, outros que não e pareciam todos muito zangados, se estabeleceu um prolongado silêncio, apenas ligeiramente perturbado pela vaga informação de que se caminhava para um acôrdo entre a Câmara e os concessionários. Que espécie de acôrdo será esse que, tratando-se de luz, se faz na sombra? . .

E' condenável, não se pode justificar, por melhor vontade que seja a nossa, a indiferença ou inconsciência do público perante assunto que tanto o devia interessar. Mas as responsabilidades daqueles a quem compete resolvê-lo são tremendas e a boa prudência, e as boas normas, aconselham a que façam conhecer dos seus administrandos as suas intenções, os seus trabalhos, os seus modos de vêr, antes de darem o caso por decidido.

Nós não sabemos ainda, porque nos faltam, na nossa tebaida, todos os elementos necessários para estudo do assunto, e nem sequer conhecemos as condições do contrato primitivo da concessão, qual a maneira da Câmara melhor se poder aproveitar da liberdade em que se encontra. Supúnhamos que outros mais competentes e mais animosos viriam à liça dizer de suas razões e, por isso, nem mesmo pensamos em colher êsses elementos.

Mas, visto que é necessário agitar a opinião, aí vai um projecto que pode servir de báse para discutir e que tem para nós a vantagem de não nos trazer a sua defêsa quaisquer dificuldades.

A Câmara municipaliza os serviços da iluminação da cidade e de fornecimento permanente de energia eléctrica ao público para tôdos os usos domésticos e pequenas indústrias e põe a concurso simplesmente o fornecimento da corrente que lhe seja necessária para a manutenção dêsses serviços.

Em novo artigo, porque êste já vai longo, poderemos expôr desenvolvidamente os benefícios que resultariam para o público de se adoptar esta solução, e que são enormes. Mas têmos a esperança de que, após êste ligeiro alarme, outros, que melhor podem do que nós, tomarão conta do assunto na defêsa da grei e, nêsse caso, dispensar-nos-emos de a êle voltar.

IGNOTUS.

---

rentes fábricas de cortumes. Como se vê, os desejos dos interessados vão sendo satisfeitos, constando-me que outros melhoramentos aguardam o devido estudo. Pelo menos, verifica-se que a morosidade sôbre a resolução do problema da luz pública, que continua sem solução, não prejudica determinados empreendimentos. Mas, francamente, já é tempo de quebrar o *engaranho*, porque a demora pode trazer surprêsas. E' também necessário ter em vista os interêsses dos consumidores.

P. S. — Depois de ter escrito êste *eco*, soube que o caso da iluminação pública está a ser devidamente estudado pela digna C. A. do Município, que procura resolver o assunto de modo a ninguém ficar mal.

Outra coisa não era de esperar, sobretudo por estar como vereador do respectivo pelouro o meu ex.mo amigo sr. Alberto Costa, que a êste caso está a dedicar tôda a sua atenção.

SEMPRE UM QUÊ!...

Agora, que o Castelo dos *Desalmados* está a conquistar novamente o antigo título de Castelo dos Almadas, em virtude do seu *arranjo*, aparece aquela *desalmada* casa, que lhe está contígua, com frente para a rua da República, a torná-lo antipático, porque lhe *rouba* uma parte da sua nova *exibição*. Além de ser uma afronta às regras da estética, não se compreende semelhante *aleijão* ali encravado, uma vez que se procurou remediar, de qualquer maneira, o aspecto aterrador da referida descoberta. Como uma coisa reclama a outra, há que fazer desaparecer aquele *joanete* de junto do *desventurado* Castelo, ontem com vergonha de si mesmo e hoje envergonhado com a companhia da dita casa, mais própria para um Museu de *gaiolas de grilos* do que para continuar naquele lugar. Remediado, pois, o primeiro mal, resta, agora, remediar o segundo. Se assim não for, apenas se lucrou uma coisa: Ver o chamado Castelo com um *peito* novo...

CUIDADO COM A RATOEIRA!...

Há uma lei que obriga todos os patrões a cobrar recibo mensal do ordenado que pagam aos seus empregados, desde que êsse ordenado seja igual ou superior a 200$00.

Segundo me consta, em Lisboa já foram aplicadas mais de *mil e quinhentas* multas pelo não cumprimento desta lei, que principiou a vigorar em 1932, sendo a aplicação das multas a partir daquele ano.

Como em Lisboa, já sucedeu o mesmo em outras terras, e, como para êstes *benefícios* Guimarãis aparece no mapa, bom será que os interessados se acautelem. Como o tempo não vai para folias, tudo aconselha a que se evitem mais agravamentos da vida. Mas cada um fará como entender, sendo certo que não há o direito de não se cumprir a lei, a qual não admite ignorância.

Quem avisa amigo é.

MONUMENTO AOS MORTOS DA GUERRA

Disseram-me que já está mais ou menos escolhido o local onde há de erigir-se o Monumento aos gloriosos Mortos da Guerra.

E' no largo em frente da Avenida Câmido dos Reis, onde está actualmente o candieiro monumental. Não sei se é bem, se é mal escolhido, porque também não sei o destino que virá a ter a estátua de D. Afonso Henriques. Suponho, porém, que o lugar onde deve ficar o referido Monumento deverá ser cuidadosamente escolhido por pessoas que tenham em atenção todos os prós e todos os contras, designadamente num caso dêstes, em que se pode comprometer a estética da cidade e o próprio Monumento.

Em meu entender, nenhuma resolução definitiva sôbre o local deveria ser tomada, sem que numa reünião de criaturas idóneas se discutisse o assunto. E perante uma resolução assim tomada, não haveria motivo para censuras, atendendo a que não foi só *A* ou *B* quem entendeu assim. Se falo nisto, é por ter verificado o que se tem passado nesta terra com outras coisas de muito menos importância.

Pipi.

Esquema semanal

O FRIO

Muito embora o Inverno se nos mostre risonho, manda a verdade que se diga que o frio tem atingido um grau de intensidade que não há capotes nem mantas que cheguem e resistam!

Pelas cinco partidas do mundo — pois até no Continente Africano se anuncia neve — vai um tiritar de gentes que é de bater os dentes, tiritar que se não mata, pelo menos traz uma temperatura a que estamos deshabituados, e à qual os entendidos chamam «vaga» ou «onda».

A continuar assim, só uma nova arca de Noé poderá resistir à intempérie que assola o mundo e, perante êste ultra-moderníssimo dilúvio, um só cântico deverá ser erguido ao Omnipotente:

«Cobre-me, cobre-me, cobre-me
Que tenho frio...»

POR CUBA

Apesar de todos os terrorismos, amigos cubanos não desistem de conspirar contra o govêrno de Mendieta nem receiam a fôrça armada do nóvel coronel, sr. Bautista. Por dá cá aquela palha, zás, prás, cataprás, é uma zaragata de estarrecer os estrangeiros que por lá residam. Houve já quem alcunhasse a nação cubanana duma esplêndida estância de... *tirismo*.

Será assim? Não será?

O certo é que os mexicanos esfregam-se as mãos de contentes e sentem-se vingados de quando os povos civilizados deprimiam-nos com epítetos menos honrosos. Apesar de tudo, dizem-nos ter conseguido um grau de civilização que põe de cócoras muito bom e pacífico burguês.

CARTAZES

De quando em vez surgem, colados pelas esquinas, os mais variados cartazes rèclamando as mais variadíssimas coisas.

Desde a «Magnésia S. Pelingrino» aos «Motores de Explosão», dos «Adubos» aos produtos «Naly», e da «Zona de Jôgo de Espinho» à farça do «Aldrabão», considerada já glória nacional, com originalidade uns, e decalcados outros, podem ser considerados já uma bizarria das cidades, pelos quais os nossos olhos se recreiam num sensitivo prazer que é a percepção de luz, côr, extensão e forma, trazendo ao espírito o daltonismo que gera a a paixão e dá preferência pela coisa que em espectro cromático é anunciada e posta em relêvo.

E nesta aparência visível, lá olhamos as esquinas em busca de mais uma novidade, ansiosos sempre das perspectivas rasgadas e das inovações picturais.

Há dias, porém, feriu-nos a vista um rèclame aos *skis* da Serra da Estrêla que, por ser cópia duma fotografia duma revista espanhola, muito nos levou a lamentar a prodigiosa audácia do desenhador que todo se impou ao subscrever o trabalho.

Pobres artistas! A que abandôno estais votados para assim deixar os créditos por mãos alheias.

A CHINA QUE TEM?

Não param os telegramas de anunciar os tristes acontecimentos chinezes, junto da Grande Muralha, onde ora se debatem os partidários de mais uma independência à mandchú, matando-se como os grilos do padre Patagónia.

Tiroteio de estarrecer, cabeças decepadas, braços que voam, é um nunca mais acabar de sacrifícios impostos pelo desejo de liberdade e independência.

Que Buda lhes acuda! Que Confúcio lhes leve a paz! Assim como assim, a Grande Muralha serve à maravilha de jaula.

LÈFÊCÊ.

Tinturaria Portuguêsa

Rua de S. Dâmaso, 72-74
GUIMARÃIS

Passa-se êste acreditado estabelecimento em virtude do seu proprietário se ter de ausentar.

O actual proprietário encarrega-se de habilitar a pessoa que pretenda trabalhar neste serviço.

Acudam à Ponte de Serves!

Alguns colegas nossos disseram já: *«A Ponte de Serves ameaça ruína»*.

Nós gritamos: **A Ponte de Serves faz perigar centenas de vidas!**

E' preciso acudir-lhe, enquanto é tempo, para evitar uma desgraça.

A Ponte reclama providências mas providências urgentes.

Não esperemos pelas primeiras vítimas, não queiramos assistir, de braços cruzados, a uma desgraça.

Com pouco dinheiro, com um pequeno sacrifício, evitaremos o mal. Mas não percamos mais tempo...

Acudam à **Ponte** de Serves!

Ainda o aniversário do Notícias de Guimarãis

A propósito do aniversário do «Notícias de Guimarãis» recebeu o nosso director a seguinte e penhorante carta do Ilustre escritor sr. Dr. Alfredo Pimenta:

«Meu Amigo: não quero deixar de lhe apresentar os meus cumprimentos mais sinceros pelo aniversario do seo jornal. E faço votos por que as *Noticias de Guimaraens* sejam sempre a lareira amiga á volta da qual se juntem os bons vimaranenses, aquecidos pela mesma labareda pura do amor incondicional a Guimaraens.

Seu amigo,

(a) *Alfredo Pimenta.*

O nosso prezado colega «Notícias de Fafe», referiu-se nos seguintes termos ao nosso aniversário:

Notícias de Guimarãis

O nosso prezado colega «Notícias de Guimarãis» passou no dia 11 o seu terceiro aniversário, motivo porque endereçamos ao seu director e nosso prezado amigo, sr. Antonino Dias de Castro, as nossas mais expressivas saüdações com o desejo de longa e desafogada vida para o jornal.

O «Notícias de Guimarãis», pela acção que tem tomado na defesa dos interêsses da velha cidade, bem merece o carinho de todos os vimaaanenses.

Também nos foi enviada a seguinte carta:

Amigo Antonino

Embora um pouco tarde, quero manifestar a minha humilde opinião quanto à acção do seu bem redigido semanário.

E' indispensável à nossa terra um jornal assim; êle tem singrado, e continuará — estou bem certo disso — a ser bem recebido não só pela população de Guimarãis, como por todos os vimaranenses ausentes da sua terra.

Adoptou uma divisa que está no nosso coração e que diz tudo — Por Guimarãis. Como então, há anos, uma pléiade de rapazes formou êsse baluarte o *Pro-Vimarane*, tão querido, não só nosso, como de tôda a população, à excepção daqueles que eram zurzidos pela nossa pena implacável e justiceira. Não olhavamos a quem pudesse doer, olhava-mos ao bom nome da nossa querida terra, e hoje será como ontem. Se fui eu e seu irmão João Dias que demos início a essa obra que marcou pelo espírito de camaradagem, pelo arreigado e fervoroso amor à nossa vèlhinha Guimarãis — que tanto sacrifício nos custou — que o digam aqueles que aqui vivem, e os ausentes, o apêgo à luta, o esfôrço empregado, o ódio daqueles que não nos podiam ver.

A obra caíu, o grupo dispersou, o jornal não saíu mais, mas ficou no coração de todos nós, o mesmo amor, a mesma fé, a mesma esperança de então, de que a nossa terra ainda há-de vir a ser mais respeitada, mais querida e admirada pelos seus feitos doutrora, pelos seus pergaminhos e pelo trabalho que honra e enobrece, e que são os pergaminhos da actualidade. Mas para isso é necessário a união de todos, trabalhando para o mesmo fim.

Para si, amigo Antonino, vai a minha mais profunda simpatia pelo muito que tem feito e por conseguir manter através de tudo o seu jornal. Continue com a mesma vontade, a mesma fé, e o seu jornal tomará maior vulto, maior expansão, e hoje como sempre — «Por Guimarãis».

Amigo certo,

Aurélio Ferra.

N. B. — Veio a propósito o «Pro-Vimarane», porque há trêse anos (1922) trazia eu a ideia de fundar um jornal para a defesa dos interêsses de Guimarãis, e é V. hoje o continuador dessa ideia, na nobre defesa desta nossa amesquinhada terra, no seu bem redigido semanário «Notícias de Guimarãis», que faço votos para que se mantenha por largos anos.

A. F.

*

A todos, bem como àquelas pessoas que vieram pessoalmente felicitar-nos, os nossos agradecimentos mais sinceros.

Pecúlio para acrescidas reportagens :::

I

O Jazigo-Mistério da Atouguia

Transferidas do velho Campo-Santo para a Atouguia tôdas as ossadas que o livro dos assentos registavam como pertencentes às famílias de A ou B, logo os ricaços acometeram reais orçamentos para empreenderem a construção de suntuosos jazigos, onde não faltariam as alegorias e os simbolismos alusivos à Morte e o mármore de Estremoz a rematar o tôsco granito da região.

Delineados o arruamento principal e os talhões com fiadas de murta e funcho, a azáfama dos canteiros e pedreiros não se fez esperar, dando-se execução aos projectos que a Câmara ia aprovando em suas sessões, pic-pic a sarrugar os enormes blocos de pedra que as carreadas depunham no portão da entrada e que as alavancas moviam para o local comprado, embaladas pela cantiga do «Anda, minha pedrinha, anda...» saída da bôca do mais possante dos pedreiros.

Capelas, mausoléus, cruzes filigranadas ou simples lages frias, tudo começou a ter vulto naquele bem escolhido cemitério, onde nem a tristeza do esguio cipreste ou o balsâmico cheiro das mimosas faltavam a contrastar com os clamorosos chorões batidos pela arágem.

Dentre as pessoas que apresentaram o seu projecto, uma houve que, pelo hábito de avareza, também quiz impôr aos olhos do vulgo uma suntuosa última-morada, negociando em fraudulência a empreitada da obra. Lançados os alicerces, o corpo da capela tomou grandeza e magestade sem que o pobre diabo do mestre d'obras desconfiasse sequer do topete do usurário que, como bom trastejador, servia-se daqueles parcos fundos para obter abrigo no seu descanço eterno.

— Então, João! Quanto me custa a obra?

— Vossa Senhoria, compreende: menos de quinhentos mil reis não tenho possibilidades de a poder fazer.

— Hom'essa! Quinhentos mil reis faço eu uma casa de bom material...

— Mas, Vossa Senhoria também o sabe: o projecto tem muitos rendilhados, mármores que tem de ser postos à minha custa...

— Ná! Ná! Dou-te quatrocentos, e andas com sorte. E com a condição, só te pago no fim da obra.

— Não pode ser... Isso é um desarranjo da minha vida!

— Cala-te, que eu bem sei a côdea que dás aos teus operários. São quatrocentos mil reis e a conta fica justa.

— Pois, bem. Para a semana principia-se.

— Olha-me que os gavetões fiquem bem vedados e não lhes entre humidade... Eu mando fazer a porta de ferro, ali, na serralheria da rua de S. Domingos.

— Sim, senhor. Eu cá irei aprontando os materiais.

*

Concluída a obra, mestre João começou de correr para o estabelecimento do nosso herói, e, «vem cá mais logo», «agora não estou com isso», ou «hei-de ir verificar os materiais que lá empregaste», via que o seu dinheiro, gasto em salários, em cal, mármore, telhas e tintas, não tornava a entrar, pois que o senhor patrão esgueirava-se-lhe como enguia em palma de mão, ora porque estava a atender uns fregueses que não podiam perder tempo e que tinham lugar marcado na diligência de Vila-Real, já a saír da alquilaria do Cosme, ora porque necessitava de aviar umas encomendas.

Um mês, dois mêses, e sempre a mesma resposta importuna e desconsoladora.

— Nada. Isto não tem jeito — disse mestre João com os seus botões —, já gastei mais em solas do que o lucro que poderia vir a tirar. Hoje, tem que ser.

E, disposto a fazer valer os seus lídimos direitos, colou-se ao balcão do estabelecimento e, primeiro, de bons modos, começou por pedir ao proprietário para vir ver a obra, apontar-lhe quaisquer defeitos, que lhe poderia fazer um abatimentosinho, que lhe dissesse se precisava de mais alguma coisa, que êle estaria pronto para tudo... a guardar os últimos cartuchos para maré propiciatória.

O dono, engodado pelas palavras do mestre pedreiro, arquitectando novos planos e novas alterações a fazer no jazigo, descalçou os chinelos, enfiou as «bufas» que o marçano estivera a engraxar, pediu o guarda-sol de seda, e voltando-se para o pessoal, atirou esta inconveniência tão ventral como flatulênta:

— Eu vou à Atouguia e não me demoro. Quem me faltar ao respeito nesta minha saída, corro-o a pontapé para o olho da rua. Ouviram?

*

Chegados à Atouguia, depois dum pequeno descanço no lugar do Gaiteiro, relanceados os olhos pelos moimentos da entrada, sem que palavra se proferisse, atingiram o canteiro onde se erguia o recem-construído jazigo. Mira daqui, olha de acolá, tossiqueira pigarrenta e intencional, fungadela de pitada, um meneio de cabeça em assentimento, e, por fim e ao cabo, um «não está máu o exterior». Entrada a porta de ferro, então foi um chacotear de defeitos, desde a pequenez dos gavetões à chamboíce da cruz que sobremontava o altar. Porque pega, porque deixa, palavra puxa palavra, enquanto mestre João com a sua obstinação aferrada lhe indicou o subterrâneo, convidando-o a servir-se da escada. Aquêle, afectado em seu propósito de ver diminuido o preço da obra, não teve hesitações e vá de prontamente descer. Mal tinha atingido o último degráu, já mestre João o aferrolhava com a grade de aloquete, enquanto exprobava a sua cobiça com estas palavras:

— Cacei-te, melrinho! Agora não sais daí enquanto me não pagares. Julgavas que mais irias juntar à minha custa? Pois, meu velho: daí já não sais enquanto não entrar o dinheiro na palma da minha mão.

— O' homem? Estás doido? Abre lá isso! Que eu nunca te neguei o dinheiro.

— Não me fio em cantigas! Escreva neste papel que precisa dos quatrocentos mil reis, que eu mando à cidade buscá-los.

— Mas então, desconfias de mim?

— Os mais honrados são os menos sérios. Vá, vá... Se não quer que lhe dê cabo do canastro e ser enterrado aí mesmo.

O negociante viu os olhos congestionados do pedreiro, conheceu-lhe os seus propósitos, e, prontamente, à luz dum fósforo, escreveu para a sua mulher a pedir-lhe a quantia.

Mestre João, tapou-lhe com uma placa de mármore o alçapão, fechou a porta exterior, e veio êle próprio, a correr, buscar a quantia.

No regresso, já com o dinheiro no bolso, cantarolava despreendido uma cantiga em voga, por intervalos rindo-se da partida que pregara.

Outra vez no cemitério, correu ao local onde deixara o prisioneiro, abriu num repente a porta, não fôsse o guarda presenciar a cêna, desandou a placa de mármore, abriu o aloquete e disse numa mofa:

— Saia! Agora se participar de mim, ponho-lhe os ossos num feixe.

E voltou-lhe as costas.

*

Decorridos poucos anos, o ricaço não pôde sobreviver ao susto, e morreu. A família fez-lhe um entêrro de pompa, mandou um retrato a óleo para uma das galerias das Ordens, e sepultou-o no mesmo local onde estivera enterrado em vida.

De então para cá, ouvem-se assobios durante a noite, os corvos crucitam sôbre aquele jazigo e a terra não é susceptível de criar vermes para esburgar os ossos dos cadáveres.

A' noite a sombra que o envolve é mais negra.

Houve já quem visse a intensidade dos fogos-fátuos nas imediações do jazigo, e diz-se que a hora determinada, de um fixo dia do ano, o espectro de Mestre João, falecido há 35 anos, vai junto da porta gradeada soltar mais uma gargalhada escarninha e mordaz.

REPÓRTER L.

A propósito
do concurso médico do hospital

Como é já do conhecimento público, realizou-se, no dia 16 do mês findo, a sessão da Mesa da Santa Casa da Misericórdia, para preenchimento de duas vagas de médicos efectivos, de harmonia com o concurso de provas documentais aberto para êsse fim.

Depois de uma acalorada discussão a maioria da Mesa resolveu, embora elegalmente, excluír o concorrente sr. Dr. João Fernandes de Freitas e nomear os restantes dois concorrentes, srs. Drs. Augusto Ferreira da Cunha e Alberto Rodrigues Milhão.

A Mesa, em maioria, tomou esta resolução em face duma minuta apresentada pelo vice-Provedor e da autoria do advogado daquela Casa, a qual é do teor seguinte:

«Foram-me presentes os requerimentos em que os srs. Drs. Alberto Rodrigues Milhão, Augusto Ferreira da Cunha e João Fernandes de Freitas pedem para ser admitidos ao concurso de dois lugares de médicos da Santa Casa da Misericórdia. Os três requerimentos estão instruídos com os documentos exigidos pela lei. Parece-me, porém, que o sr. Dr. João Fernandes de Freitas não pode ser admitido ao concurso, em virtude de exercer o lugar de médico escolar do liceu de Martins Sarmento. As atribuïções dos médicos escolares dos liceus encontram-se definidas no regulamento dos serviços da Direcção de Saúde Escolar, aprovado pelo decreto vinte e três mil oitocentos e sete de vinte oito de Abril de mil novecentos e trinta e quatro, que lhes impõe, entre outras, a obrigação de dar »um mínimo de três horas diárias à saúde escolar»; e a dos médicos da Santa Casa, no regulamento dos serviços hospitalares, aprovado pelo alvará do Governador Civil de Braga de catorze de Maio de mil novecentos e trinta e quatro, que os manda assistir às conferências requeridas pelo facultativo assistente e comparecer no hospital, em caso de urgência, logo que sejam reclamados os seus serviços pelo pessoal interno.

Nestas condições terá muitas vezes o serviço clínico da Santa Casa de ser desempenhado durante as horas regulamentares dos serviços públicos, prestados pelo médico escolar, o que, a meu ver, torna incompatíveis os dois lugares, nos termos do artigo quinto do decreto quinze mil quinhentos e trinta e oito, de um de Junho de mil novecentos e vinte e oito.

Guimarãis, quatorze de Janeiro de mil novecentos e trinta e cinco.

O advogado da Santa Casa,

João Rocha dos Santos.»

Pelo mesário sr. Artur Fernandes de Freitas foi, nessa altura, apresentada, também, uma outra minuta da autoria do Conselheiro sr. Dr. António Augusto Crispiniano da Costa, Juíz do Supremo Conselho de Administração Pública (aposentado), seguida da concordância do sr. Dr. José Gualberto de Sá Carneiro, que passamos a transcrever:

«Das informações que me foram fornecidas mostra-se que, para provimento do lugar de facultativo de uma corporação administrativa concorreram os seguintes médicos:

1.º Dr. Alberto Rodrigues Milhão;
2.º Dr. Augusto Gomes de Castro Ferreira da Cunha, e
3.º Dr. João Fernandes de Freitas.

Os três concorrentes instruíram os seus requerimentos à admissão de concurso, além de outros, com os seguintes documentos.

O primeiro:

Pública-forma da nota de tese com 14 valores, mas não apresentou documentos das classificações em exame de estado.

O segundo:

Certidão de doutoramento com 18 valores, e

Certidões de exame de estado:
Medicina com 17 valores;
Cirurgia com 16 valores;
Partos com 16 valores;
Higiene Medicina Legal com 15 valores;
Curso de Medicina Sanitária com 16 valores.

O terceiro:

Certidão de doutoramento com 17 valores;
Medicina com 16 valores;
Cirurgia com 16 valores;
Partos com 16 valores;
Higiene Medicina Legal com 16 valores;
Curso de Medicina Sanitária com 18 valores.

Dos três concorrentes qual dêles deve ser nomeado?

Antes de responder a esta interrogação, cumpre examinar uma questão prévia.

Segundo as aludidas informações dos três concorrentes, apenas o terceiro apresentou pública-forma do bilhete de identidade.

E' de lei que os indivíduss que requeiram a sua admissão a algum concurso para provimento de qualquer cargo dependente do Estado, dos serviços autónomos ou dos corpos e corporações administrativas, tem de possuir o bilhete de identidade. Decreto n.º 14.747, de 19 de Dezembro de 1927, e o Decreto n.º 22.018, de 22 de Dezembro de 1932 estabelece que o bilhete de identidade é *obrigatório* para a admissão a algum concurso para o provimento de quarquer cargo dependente do Estado, dos serviços autónomos, ou dos corpos ou corporações administrativas, artigo 425 n.º 9.

Não basta, pois, para um indivíduo ser admitido a um concurso para provimento de algum dos cargos acima mencionados alegar que possue bilhete de identidade, tem de o demonstrar juntando-o no original ou em pública-forma ao requerimento em que se pede a sua admissão ao concurso.

E, como os dois primeiros concorrentes tal não fizeram, devem ser excluídos do concurso.

Como doutrina tese o concurso é uma operação jurídica complexa, do qual cada acto pode ser controlado especialmente, e a nomeação após o concurso forma um todo; é o que o Conselho de Estado Francês denomina a *indivisibilidade das operações do concurso.* Donde resulta que a irregularidade de uma qualquer das operações arrasta a nulidade de tôdas as operações e da nomeação — Les Principes Généraux du Droit Administratif, volume 2.º, página 472.

* * *

Admitindo, por hipótese, sem conceder, que os três concorrentes tinham instruído os seus requerimentos com todos os documentos exigidos na lei, qual deve ser nomeado?

O concurso representa um processo de selecção; uma limitação ao poder discricionário da nomeação.

Nestes termos a mesa da corporação administrativa que abriu o concurso tem de nomear o *mais apto.*

Para escolha do *mais apto* tem de se ter em consideração a aptidão científica, a aptidão prática, a moralidade e os serviços clínicos, com maior ou menor predomínio de quaisquer dêstes elementos, ou doutros, porventura, conforme as circunstâncias de cada caso, de forma a conseguir-se o fim de interêsse público que a nomeação tem em vista.

Quando à aptidão científica o primeiro dos concorrentes não se pode pôr em confronto com os dois restantes.

Estes dois últimos equiparam-se.

Sôbre os serviços clínicos o terceiro está em condições de superioridade sôbre o segundo.

Tal é o meu parecer.

Porto, 16 de Janeiro de 1935.

(a) *António Augusto Crispiniano da Costa.*»

* * *

«Concordo inteiramente com o parecer do ilustre administrativista e antigo Juíz do Supremo Conselho de Administração Pública.

(a) *José Gualberto de Sá Carneiro.*»

Para demonstrar que a resolução da mesa obedeceu apenas a um acto de favoritismo muito lamentável, pois que a exclusão do concorrente Dr. João de Freitas representa uma flagrante irregularidade, transcrevemos ainda um parecer do sr. Dr. Crispiniano da Costa:

«O D. n.º 15.598 de 1 de Junho de 1928, estabelece no art.º 5.º:

São absolutamente incompatíveis os lugares que tenham de ser desempenhados dentro das horas regulamentares dos serviços públicos.

A Misericórdia tem estabelecido o horário em que os médicos nela devem comparecer, para prestar seus serviços clínicos ou podem fazê-lo quando lhes aprouver?

Tendo horário é às mesmas horas em que o médico tem de exercer as funções de médico escolar?

Ainda mesmo que êstes casos se verifiquem, não podia o concorrente que é médico escolar, ser excluído do concurso. Tinha de a êle ser admitido e apreciados os documentos em que instruía a sua petição.

E no caso de ser nomeado, é que a incompatibilidade se dava, sendo-lhe facultado optar pelo lugar que lhe convinha.

Assim é que está certo ainda que pese ao autor da lembrança da exclusão.

(a) *A. A. Crispiniano da Costa.*

Em face dos documentos acima transcritos verifica-se que o concorrente excluído era o único que estava ao abrigo da Lei para ser nomeado, e os dois restantes não deviam ter sido admitidos ao concurso por falta de um dos documentos imprescindíveis (o cartão de identidade ou sua pública-forma) e muito menos nomeados como, ilegalmente, o foram.

Leva-nos agora a nossa curiosidade a preguntar à ex.ma Mesa da Santa Casa da Misericórdia, dando como legal a incompatibilidade apresentada para a exclusão do candidato sr. Dr. João Fernandes de Freitas, qual o seu critério a seguir com respeito a outros clínicos que prestam serviço efectivo naquele Hospital e que se acham *incompatíveis* (segundo o critério adoptado) com as funções de professores na Escola Industrial e Comercial, e do seu cargo em outros hospitais.

Esperamos, como o sapateiro de Braga, que haja moralidade.

No próximo número voltaremos ao assunto para ilucidação dos nossos leitores, alguns dos quais vinham estranhando já, segundo nos informam, o nosso silêncio.

ENFERMEIRO

Enfermeiro diplomado, com mais de 20 anos de serviço nos hospitais militares, faz todos os tratamentos de enfermágem, curativos, injecções, fricções, por preços convidativos.

Morador — Rua Gravador Molarinho, 9.

FALTA DE ESPAÇO

Por absoluta falta de espaço fica-nos de fora: o folhetim «O Toural», correspondências do concelho, Dos Livros. Dos Jornais, Espinhos e Acúleos e outras secções.

Que os nossos colaboradores nos desculpem.

Da Cidade

Largo do Trovador — Os moradores do Largo do Trovador, entregaram à C. A. da Câmara, a seguinte representação:

Ex.ma Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Guimarãis: Os abaixo assinados, moradores no Largo do Trovador, na parte confinante com o jardim situado no referido Largo, pedem muito respeitosamente a V. Ex.as se dignem mandar retirar da rua lateral do jardim, que dá servidão para a casa dos suplicantes, uns peões de pedra ali colocados ùltimamente.

Esses peões interrompem por completo o trânsito dos carros, impedindo assim os moradores de utilizarem carros para transportes de géneros agrícolas produzidos nas suas propriedades, e de pessoas doentes que não possam andar a pé.

(Seguem as assinaturas).

Carnes verdes — Uma numerosa comissão de vendedores de carnes verdes entregou à C. A. da Câmara a seguinte representação:

«Ex.ma Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Guimarãis: — A classe dos «Marchantes», dêste concelho, representada pela comissão abaixo assinada, vem expôr a V. Ex.as os seguinte:

Resolveu essa Ex.ma Comissão, para fazer face às despesas com o monumento aos mortos da Grande Guerra e com as chamadas festas da cidade, agravar o imposto sôbre as carnes abatidas nos matadouros Municipais com a taxa de trinta centavos em quilo.

Ainda se compreenderia que tôdas as actividades comerciais e industriais dêste concelho contribuissem para os novos encargos que a Câmara vai assumir, mas o que não faz sentido é a escolha da nossa classe para exclusivamente pagar umas despesas para as quais todos deveriam contribuir.

Qual a razão por que foi escolhida esta classe?

Não é fácil antes impossível descobrir o motivo da preferência.

E' bem sabido que todos os ramos de comércio estão, nêste concelho, sobrecarregados com pesados impostos, muito superiores aos pagos pelos negociantes dos outros concelhos, e, por isso, a classe dos «Marchantes» está também onerada com uma contribuição industrial superior à que pagam os seus colegas dos outros concelhos do distrito, e nomeadamente do concelho de Braga.

A-pesar-de isso V. Ex.as escolheram uma classe comercial — a classe dos «Marchantes» — para suportar os encargos de festas, que todos gosam, e do monumento aos mortos da Grande Guerra, que deve ser custeado por todos.

Se V. Ex.as se quizerem dar ao trabalho de comparar as taxas que incidem sôbre as carnes verdes dêste concelho com as pagas em Braga, fàcilmente verificarão que são ainda os «Marchantes» de Guimarãis quem mais pagam, porque os serviços do matadouro e condução da carne aos talhos é, em Braga, feita à custa do Município.

Além disso é freqüênte, nêste concelho, a inspecção sanitária inutilizar as entranhas das rêzes e a-pesar-de isso a Câmara cobra o imposto como se fôssem vendidas.

Se, porém, essa Ex.ma Comissão entender que as taxas camarárias de Braga são superiores às do concelho, desde já se compromete a classe dos «Marchantes» a aceitá-las, sem qualquer encargo para os consumidores, desde que o serviço de matança e condução da carne seja feito aqui como em Braga.

De outro modo não podem os «Marchantes» concordar, sem o seu mais veemente, embora respeitoso protesto, contra o agravamento de qualquer imposto que os atinja especialmente, tanto mais, que, tendo encarecido o gado, ainda não elevaram o preço da carne.

Pelas razões expostas, pedem os signatários, em nome da classe que representam, que V. Ex.as se dignem manter as antigas taxas, quando não prefiram substituí-las pelas adotadas no Município de Braga, nas condições acima indicadas. — Pedem deferimento. — Guimarãis, 22 de Janeiro de 1935. — A Comissão».

O «Notícias de Guimarãis» pela pena do seu ilustre colaborador *Pipi* disse já o que pensava sôbre êste assunto.

Monumento aos Mortos da Guerra — Na sala nobre da Câmara Municipal e a convite da C. A. reuniram-se as Associações Comercial e Industrial, Empregados do Comércio, Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarãis e Sub-Agência da L. dos C. da G. Guerra, para tratarem do assnnto do Monumento aos Mortos da Grande Guerra. Depois de trocadas impressões foi resolvido confiar à Sub-Agência da Liga a escolha da Comissão que há-de iniciar os trabalhos para a construção do referido monumento.

Tenente Rodrigues Nóbrega — A seu pedido foi transferido para Braga, o sr. Tenente António Rodrigues Nóbrega, que durante algum tempo comandou, nesta cidade, a secção da G. N. Republicana.

Assuntos militares — A-fim de frequentar a escola de recrutas de Infantaria 8 partiu para Braga o furriel sr. Oliveira, da G. N. R.

Ocorrências — Queixou-se à polícia José Martins, solteiro, de 18 anos, jornaleiro, da freguesia de Gonça, contra um indivíduo conhecido pelo «Preguiça», solteiro, sapateiro, da freguesia de S. Torcato, que o assaltou, de pistola em punho, roubando-lhe a corrente de ouro e um medalhão, e disparando-lhe ainda alguns tiros que o não atingiram.

A corrente já está em poder da polícia, estando a proceder-se a averiguações.

Festividade — Com grande imponência, realizou-se no templo paroquial das Domínicas, a festividade em honra de S. Sebastião dos Milágres. Foi orador o rev. abade de Mafamude, que deixou no numeroso auditório a melhor impressão.

A orquestra agradou pela sua magnífica execução.

O templo ostentava uma rica decoração da casa Eugénio & Novais.

Casa dos Pobres — Chegaram a Guimarãis as três irmãs Franciscanas que vêm dirigir esta tão simpática Casa de Caridade.

Incêndio — No domingo, de madrugada, manifestou-se incêndio na cosinha de um prédio da rua de Camões, onde habita o estimado aspirante de finanças sr. Francisco Coelho da Silva, comunicando-se ràpidamente à sala de jantar.

No local compareceram ràpidamente os bombeiros voluntários, que prestaram optimos serviços, e P. S. P.

Os prejuizos são consideráveis e estão cobertos pelo seguro.

— Na sexta-feira, de madrugada, houve um violento incêndio na casa do lavrador-caseiro António da Silva, em Toriz. Morreram carbonisados quatro touros e outros animais. Os prejuizos são avultados. Os bombeiros prestaram optimos serviços.

Brindes — Por intermédio do nosso bom amigo e estimado proprietário da Sapataria Luso recebemos da importante fábrica de calçado «Minerva» um interessante calendário para o corrente ano.

— Das Oficinas de S. José, desta cidade, recebemos, também, um vistoso calendário para êste ano, trabalho que foi executado, com perfeição, nas oficinas de tipografia da mesma importante instituição beneficente de Guimarãis.

Muito obrigados.

De luto — Pelo falecimento de um seu cunhado encontra-se de luto o nosso amigo e estimado negociante local sr. Adelino Joaquim Neves, a quem apresentamos condolências.

— Pelo falecimento de uma sua irmã, ocorrido em Lisboa, está de luto o nosso querido amigo sr. Capitão Duarte Fraga, a quem, bem como a tôda a restante família, o «Notícias de Guimarãis» apresenta condolências.

João Serafim da Silva Ribeiro — No templo da Misericórdia celebrou-se no domingo, com uma assistência muito numerosa e selecta, a missa do 3o.º dia do falecimento do nosso saüdoso camarada João Serafim da Silva Ribeiro, tendo sido celebrante o rev.º José Maria Leite, que no final entoou o responso por alma daquele nosso chorado amigo.

O acto foi acompanhado a harmonium pelo nosso prezado amigo e hábil organista sr. Francisco Correia Lopes.

*

Na 2.ª feira foi também celebrada, por sua alma, uma missa, no templo do Carmo.

Matinée — A Emprêsa do Cinema Gil Vicente dedica a matinée de hoje à petizada das escolas do Sagrado Coração de Jesus.

Pelo Tribunal — Foi julgado no Tribunal desta comarca, José da Silva Martins, acusado de, em 6 de Outubro do ano findo, ter agredido o sr. Miguel Augusto Alves Teixeira, correspondente do *Seculo,* em Infias, em consequencia dêste ter dado uma notícia referente a uma desordem, por ciumes, entre duas mulheres. O Tribunal condenou o réu em 16 dias de prisão, remíveis a 15$00 por dia, 5 dias de multa a 5$00, também por dia, 200$00 de imposto de justiça, 100$00 de indemnização ao queixoso e 50$00 para o defensor oficioso.

Assinar o "Notícias de Guimarãis" é dever de todos os vimaranenses.

Diversas

DR. EDUARDO DE ALMEIDA

Faz hoje anos êste nosso querido amigo, talentoso advogado e escritor, uma das figuras mais distintas de Guimarãis.

O «Notícias de Guimarãis» cujas colunas tantas vezes têm recebido as produções da brilhante pêna do ilustre causídico, apresenta a s. ex.ª, por tal motivo, as suas mais sinceras e efusivas felicitações.

NOTICIAS PESSOAIS

Dr. José Sebastião de Menezes

Deu-nos ante-ontem a honra da sua visita o nosso ilustre amigo sr. dr. José Sebastião de Menezes, figura de destaque no nosso meio.

*

De visita a seu extremoso pai, o nosso querido amigo sr. Jerónimo Sampaio, esteve entre nós o também nosso amigo sr. Jaime Sampaio.

— Também esteve nesta cidade o nosso bom amigo e importante capitalista de Freamunde, sr. Manuel Fernandes Porto.

— Está bastante doente a sr.ª D. Maria da Luz Neves Ribeiro.

— Partiu para Lisboa o importante industrial sr. José Jacinto Junior.

— Deu-nos o prazer da sua visita o sr. Pedro Duarte Saupe, de Beja.

FALECIMENTOS

Tenente Aníbal Leite da Silva.

Vitimado por uma pneumonia, faleceu na quinta-feira última o Tenente Aníbal Leite da Silva, mutilado da Grande Guerra.

Espirito desempoeirado e culto, há poucos meses ainda que viera residir para esta cidade afim de educar os seus filhos, conseguindo grangear inúmeras simpatias pelo seu fino trato e lhaneza de carácter.

Era irmão do Ex.mo Sr. Dr. Leite da Silva, meretissimo Juiz em Cabeceiras de Basto e um oficial com uma brilhante folha de serviços.

A sua morte foi profundamente sentida, pelo que o «Notícias de Guimarais» envia sentidos pêsames à desolada viúva.

Do «Boletim Militar das Colónias» consta: Promovido por distinção, em Junho de 1918, na guarnição da Provincia de Moçambique, pelas qualidades militares, decisão e espirito ofensivo que revelou na forma porque comandando uma patrulha, em Maléma, correndo em socôrro duma outra patrulha que estava em combate com o inimigo, portando-se depois valentemente à frente dos seus subordinados, continuou sempre na linha de fogo com a maior coragem e sangue frio não obstante ferido, demonstrando assim uma muita clara compreensão dos seus deveres. Foi também elogiado pelo comandante das fôrças inglesas em operações. Ostentava as seguintes condecorações, Cruz de Guerra de 1.ª Classe, Medalha de Prata de bom comportamento exemplar, Medalha da Vitória, Medalha das Campanhas do Exército de 1916, Medalha de Distinção e condecoração inglesa Inter Arma Carita.

António de Freitas Soares.

No Pôrto, onde residia, faleceu, há dias, o nosso estimado conterrâneo sr. António de Freitas Soares, irmão do sr. José de Freitas Soares e saüdoso vimaranense sr. José de Freitas Costa Soares, pai extremoso do nosso querido amigo e distinto colaborador sr. António de Freitas Soares Júnior e tio dos também nossos amigos srs. Dr. João, Artur, José, Abel e António Fernandes de Freitas e da espôsa do sr. José Barbosa de Oliveira, e dos srs. José e António Ribeiro de Moura.

A sua morte foi muito sentida.

A tôda a familia enlutada e dum modo especial ao nosso bom amigo sr. António de Freitas Soares Júnior, apresenta o «Noticias de Guimarãis» a expressão mais síncera do seu muito pezar.

Batata de Semente

Importação directa das melhores variedades

IRLANDEZAS

Up-to-date — Kerrs Pink
Majestic — Great Scott

legítimas, da Irlanda, de surpreendente produção

HOLANDEZAS

Eigenheimer Especialmente selecionada para semente da melhor que se importa da Holanda

Bevelander Holandeza, genuína, de muita resistência e grande produção, substituindo com vantagem a Chardonne Pinheira.

Não negociamos em batata de consumo; só vendemos batatas ESPECIALMENTE SELECCIONADAS PARA SEMENTE, em sacos selados com o sêlo fitopatologico dos Serviços Oficiais dos paizes de origem, e com os respectivos certificados de garantia.

ADUBOS

Elementares e Compostos, para a cultura da Batata e especiais para cada região do Paiz

A nossa casa que há mais de 30 anos fornece a Agricultura nacional, continúa ao dispor dos Srs. Lavradores para lhes dar quaisquer esclarecimentos sôbre adubações e culturas.

Abecassis (Irmãos), Buzaglos & C.ª

LISBOA — 32, Praça do Municipio
PORTO — 15, Rua 31 de Janeiro

Ano 4.º — N.º 157 O JORNAL DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO NO CONCELHO 3 de Fevereiro - 1935

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERÊSSES DO CONCELHO ■ Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone 27136

Aviação Comercial

Aero-Portuguesa, Ltd.ª

Desta emprêsa de Transportes Aéreos (passageiros e correio) recebemos alguns prospectos elucidativos sôbre a organização dos seus serviços. A aviação comercial que se encontra hoje desenvolvidíssima no estranjeiro, teve o seu início entre nós em 14 de Outubro do ano findo com as carreiras semanais, Lisboa-Tanger-Casablanca. Estas carreiras, que são exploradas pela Aero-Portuguêsa, Ltd.ª teem funcionado com toda a regularidade e a efluência de passageiros vai aumentando de mês para mês o que prova irrefutávelmente a confiança que vai merecendo ao público a segurança dos serviços desta emprêsa que não se tem poupado a esforços no intuito de desenvolver a aviação comercial entre nós.

Para se poder avaliar das vantágens dêstes serviços, bastará dizer que uma carta por Via Aérea lançada no Pôrto na estação Central dos Correios (4.ª secção) até sexta-feira às 5 horas da tarde, é entregue ao seu destinatário no Brazil no sábado da semana seguinte.

Em meados do mês de Fevereiro do corrente ano e, em virtude da inauguração de novos aparelhos que farão a travessia Africa-América do Sul num só vôo de 17 horas, a mesma carta lançada no Pôrto até sexta-feira às 5 horas é entregue na terça-feira da semana seguinte ao seu destinatário no Brazil, levando portanto quatro dias.

Por aqui se pode avaliar das inúmeras vantágens dêstes serviços que teem sido acolhidos pelo público com entusiásmo, carinho que tais empreendimentos merecem. A Aero-Portuguêsa, Ltd.ª tem a sua delegação no Pôrto na Galeria Paris, 99, onde qualquer interessado se pode dirigir para qualquer esclarecimento.

Apresentamos à Aero-Portuguêsa, Ltd.ª os nossos agradecimentos pela gentileza da sua oferta e fazemos os mais ardentes votos pelos seus justíssimos progressos que sempre se auguram a iniciativas de tão grande alcance e de tantas vantagens para o público.

Agradecimento

Venho muito reconhecidamente agradecer, no melhor preito de estima e consideração, por esta forma e desta maneira, à briosa Corporação dos Bombeiros Voluntários de Guimarãis, os rápidos, prontos e seguros serviços, abnegadamente prestados no incêndio que de maneira assustadora envolveu, há dias, a casa de minha habitação.

Não posso deixar de incluír neste meu sentimento de gratidão, os Guardas da Polícia e da Nacional Republicana, pelos cuidados, vigilância e serviços dispensados.

A' Companhia de Seguros A NACIONAL, que tem como seu digno representante, nesta cidade, o sr. Camilo Laranjeiro dos Reis, agradeço também a maneira atenciosa e imediata como satisfez os prejuízos do sinistro.

Para todos, o penhor do meu reconhecimento.

Guimarãis, 30 de Janeiro de 1935.

Francisco Baptista Coelho da Silva.

OS NOSSOS AMIGOS

Pediram a assinatura do nosso jornal os srs.: Visconde de Viamonte da Silveira (Paço de Vitorino); Fortunato Torcato Ribeiro, da Fóvoa de Varzim; Agostinho Maximiano Teixeira, de Vizela; Amadeu Guimarãis, desta cidade; José Dias Ferreira; André Martins dos Santos, do Pôrto; José de Sousa Neves, de S. Martinho de Sande e José Alves Dias Machado, de Guardizela.

—Vieram e mandaram à nossa redacção pagar as suas assinaturas, os srs. Acácio Machado de Faria Oliveira, de Vizela; Costa Guimarãis, residente em Cabo Verde; P.e Luís Gonzaga da Fonseca, desta cidade e Manuel Pereira da Silva, de S. Martinho de Conde.

A todos, os nossos maiores agradecimentos.

Do Concelho

Ainda a estrada da Corredoura à Castanheira

Muito se tem dito, muito se tem escrito, muito se tem discutido e nada se tem escrito ainda àcêrca da razão que todos apresentam pela construção da estrada da Corredoura ser feita pelo traçado primitivo ou não.

O «Pipi» pugna pela ligação das duas estradas no lugar de Alvelhe, com um critério justo e acertado, apelando para a Comissão Administrativa Municipal para que essa ligação seja feita inutilizando assim o poder feudal e teimosia do sr. Claro.

O sr. Claro faz questão e não a deixa seguir no lugar de Alvelhe, se ela não fôr construída pelo traçado primitivo, queixando-se, pùblicamente, por logo de principio ser desviada e levada ao lugar do Engenho a pedido de vários amigos.

Este sr. encontra-se em campo falso, falsíssimo, porque ninguém o compreende e descobre o que quere e deseja.

Surge o sr. Gomes a defender-se dos ataques que manhosamente lhe faziam, historia e põe a claro os inconvenientes e convenientes do antigo traçado, defendendo um novo que paralelamente deve seguir ao antigo e aprovado.

E' o que em melhor campo se encontra pelo que merece tôda a minha estima, consideração e a aprovação do que tem escrito.

Se não vejamos:

Os lugares que o antigo traçado tocava, eram: Pinheiro, Portinha de Alvelhe, Engenho, Ribeiro, Abrantes, Monte, Faquinhas, Moreira, Souto, S. Martinho, Barqueira, Moínhos do Outeiro, Moínhos de Avre-Covo, Casa da Avre-Covo, Pinhal de Cima de Vila, Monte de Aldeia (S. Torcato), Pinhal de Lobeira, Pinhal dos Santos, Quintãs de Rendufe, Vilarinho à Castanheira, passando junto às casas das quintas. E' o que o sr. Claro quere.

O desvio que lhe querem dar passa por êstes lugares, a uma distância de 50 a 100 metros até ao lugar dos Moínhos do Outeiro, seguindo depois à igreja de Rendufe, Via-Cova, Vilarinho à Castanheira, dizendo que, com lucro do desvio, podem levar um troço de estrada à Cruz de Lustosa, extremo do concelho de Guimarãis, onde se encontra um estrada até ali já feita pela Câmara de Fafe, ficando assim ligada a cidade de Guimarãis à vila de Fafe por duas estradas que eram: Guimarãis, Paçô-Vieira, Arões e Fafe; e, Guimarãis, Corredoura, Rendufe, S. Vicente de Passos e Fafe, o que, na verdade, representava grandes benefícios e vantagens aos concelhos: Guimarãis e Fafe. Também sou desta opinião.

Isto defende o sr. Gomes.

Por último o sr. Claro já concorda com a opinião do sr. Gomes, excepto do lugar da Barqueira aos Moínhos do Outeiro seguindo Via-Cova, Vilarinho à Castanheira, mas pelo lado poente, para assim passar mais perto da sua quinta da Tôrre.

Este sr. melhor seria não ter dado as irrisórias entrevistas, pois ninguém necessitava saber que, do traçado que tanto defende, só aproveita uns 500 metros.

Enfim, não é filho da terra e, por isso, está desculpada a sua teimosia.

Julgo que o seu dinheiro de nada valerá e influirá para que tanta tolice seja posta em prática.

Siga a Câmara o melhor caminho que lhe convenha, mais económico e curto, ligando desde já as duas estradas, e deixe falar quem fala. Que olhe para os interêsses do concelho, para o bem geral dos povos e que dê ao diabo os interêsses particulares e verá que todo o povo lhe fica grato. E' isto e só isto que a Câmara deve fazer.

Aí têm a opinião de um velho apaixonado pela construção da estrada da Corredoura à Castanheira.

S. Torcato, 30-1-1935.

Um Torcatense.

João Neto

Advogado

Residência: Av. M. Bombarda, 54 (Junto á Estação do C. F.)

Escritório: Toural, 116 (Junto ao Dr. José de Oliveira)

Telefone 58

Guimarãis

CASA

Vende-se uma, em bom estado e bem situada.

Informa-se na redacção dêste jornal.

O melhor Café é o d'A BRAZILEIRA

Aos Industriais

FIO EM SIZAL E LINHO

para embalagens

PREÇOS vantajosos

Nesta Redacção se informa.

ADUBOS QUÍMICOS, SULFATO DE COBRE E FERRO, ÓLEO DE MENDOBI E ENXOFRES; ÁCIDO SULFÚRICO, CLORETOS LINHAGENS PARA SACOS E FARDOS, E OUTROS PRODUTOS da

COMPANHIA UNIÃO FABRIL

da qual é representante nesta cidade a firma

ANTÓNIO DE ARAÚJO SALGADO & C.ª

Rua 31 de Janeiro

que acaba de montar no seu estabelecimento uma secção dêstes artigos e de outros das melhores procedências, tais como

BATATA DE SEMENTE — Up-to-date — Irlandesa — em depósito
— Magestic — Idem »
— Bintje — Holandesa »
etc.

Prestam-se quaisquer esclarecimentos e garante-se que os preços estão em concorrência com o mercado local.

ATELIER DE DEBUXOS

DE

DOMINGOS ALVES

Covas — Guimarãis

Executa, com a máxima regularidade, colchas e cobertores de damasco e algodão e toalhas em todos os estilos assim como debuxos para maquinetas, etc.

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS Jornal defensor dos interêsses do Concelho. PUBLICA-SE AOS DOMINGOS.

Expediente e Arquivos: LARGO CONSELHEIRO JOÃO FRANCO, 30

Ex.mo Snr.

.....

.....